

Biblioteca Anarquista



Por que a Insurreição?

Alfredo M. Bonanno

Alfredo M. Bonanno
Por que a Insurreição?
1982

[https://pantagruel-provocazione.blogspot.com/search/label/
Why%20Insurrection](https://pantagruel-provocazione.blogspot.com/search/label/Why%20Insurrection)

bibliotecaanarquista.org

1982

Nossa tarefa como anarquistas, nossa principal preocupação e maior desejo, é ver a revolução social realizada: terrível sublevação de homens e instituições que finalmente consegue pôr fim à exploração e estabelecer o reino da justiça. Para nós, anarquistas, a revolução é nosso guia, nosso ponto de referência constante, não importa o que estejamos fazendo ou com qual problema estejamos preocupados. A anarquia que queremos não será possível sem a dolorosa ruptura revolucionária. Se quisermos evitar transformar isso em simplesmente um sonho, devemos lutar para destruir o Estado e os exploradores por meio da revolução.

Mas a revolução não é um mito para ser usado simplesmente como um ponto de referência. Precisamente porque é um evento concreto, deve ser construído diariamente por meio de tentativas mais modestas que não têm todas as características libertadoras da revolução social no verdadeiro sentido. Essas tentativas mais modestas são insurreições. Nelas, a revolta dos mais explorados das massas e da minoria mais sensibilizada politicamente abre caminho para o possível envolvimento de estratos cada vez mais amplos de explorados em um fluxo de rebelião que pode levar à revolução, mas também pode terminar no estabelecimento de um novo poder ou uma confirmação sangrenta do antigo. No caso deste último, embora a insurreição comece como uma revolta libertadora, ela conclui amargamente com o restabelecimento do Estado e do domínio privado. Esse é o caminho natural das coisas. A insurreição é o elemento indispensável da revolução, sem a qual, sem uma longa e dolorosa série de quais, não haverá revolução e o poder reinará imperturbável na plenitude de seu poder. Não devemos desanimar. Mais uma vez, obtusamente, estamos nos preparando e lutando pela insurreição que virá, uma pequena parte do grande mosaico futuro da revolução.

Certamente, o capitalismo contém profundas contradições que o empurram para processos de ajuste e evolução visando evitar as crises periódicas que o afligem; mas não podemos nos embalar na espera por essas crises. Quando elas acontecerem, serão bem-vindas se responderem aos requisitos para acelerar os elementos do processo insurrecional. Enquanto isso, de nossa parte, estamos nos preparando e preparando as massas exploradas para a insurreição.

Neste sentido, consideramos que o momento é sempre propício para a próxima insurreição. Melhor uma insurreição fracassada do que uma centena de vacilações que causam o fracasso de uma centena de ocasiões das quais poderia ter sido possível que a revolução final irrompesse. Somos,

portanto, contra aqueles que dizem que a recente derrota do movimento revolucionário deve nos fazer refletir e concluir que devemos ser mais prudentes. Consideramos que o momento da insurreição chegou precisamente porque é sempre hora de lutar, enquanto a procrastinação é útil apenas capital.

Preparar a insurreição significa preparar as condições subjetivas (pessoais e materiais) que consentem uma minoria anarquista específica a criar as circunstâncias indispensáveis para o desenvolvimento do processo insurrecional. Embora a insurreição seja um fenômeno de massa, e correria o risco de abortar imediatamente se não o fosse, seu início é sempre o resultado da ação de uma minoria decidida, um punhado de corajosos capazes de atacar os centros nervosos do objetivo parcial a ser alcançado.

Devemos ser muito claros sobre este ponto. As tarefas da luta anarquista contra o poder podem ser extremamente variadas, mas todas — em nossa opinião — devem ser coerentemente direcionadas para a preparação da insurreição. Alguns camaradas podem querer se dedicar ao esclarecimento teórico, análises econômicas, filosofia ou pesquisa histórica, mas tudo isso deve ser imediatamente funcional para a preparação daquela minoria capaz de realizar a insurreição, agindo de tal forma que as massas participem o mais amplamente possível ou que pelo menos não a impeçam.

Alguns camaradas podem considerar a insurreição realizável em um futuro próximo (não adiada para o infinito), outros que ela pode ser realizada imediatamente: isso pode determinar uma divisão de tarefas, no sentido de que os primeiros estarão inclinados a se interessar mais pelos problemas da cultura revolucionária, mas seu objetivo final deve ser o mesmo. Caso contrário, as forças rebeldes, que precisam precisamente de clareza para organizar a ação e não de tagarelice para adiá-la, seriam embaladas para dormir. A tarefa de preparação da minoria é, portanto, dupla: por um lado, a de ser sensibilizada para os problemas no nível da luta de classes que não são apenas militares e políticos, mas principalmente de natureza social e econômica. Em seguida, a preparação concreta, específica e detalhada com a insurreição em vista.

Mais uma vez, insistimos: a preparação das grandes massas não pode ser de forma alguma uma das pré-condições da revolução. Se esperássemos que todas as massas estivessem preparadas para esta tarefa grandiosa, nunca faríamos nada. Estamos convencidos de que a preparação das grandes massas será mais do que tudo uma consequência da revolução, e

talvez não a mais imediata. Pelo contrário, a minoria anarquista revolucionária deve estar preparada para a tarefa histórica que a aguarda. Vamos também eliminar o argumento da “pureza”. Não participamos apenas de insurreições lideradas por anarquistas, mas também de todas as outras insurreições que têm as características do povo em revolta, mesmo que por alguma razão sejam nossos futuros inimigos, os stalinistas, que as estejam liderando. Nesse caso, devemos tentar conquistar um lugar melhor para nós na própria luta, durante os eventos, defendendo o máximo possível nosso programa de libertação total que contraporemos aos banalmente econômicos dos autoritários. Será a própria insurreição a verificar o resto.

A insurreição é uma tarefa a ser cumprida imediatamente. Mas com que meios concretos? Vimos que a minoria específica deve assumir o comando do ataque inicial, surpreendendo o poder e determinando uma situação de confusão que pode colocar as forças de repressão em dificuldade e fazer as massas exploradas refletirem sobre intervir ou não. Mas o que queremos dizer com minoria específica? Talvez o movimento revolucionário no sentido amplo? Essas questões exigem uma resposta clara.

Começemos pela hipótese mais ampla. Do ponto de vista que nos interessa, o movimento revolucionário como um todo não pode ser considerado uma minoria específica capaz de realizar a insurreição em conjunto. Ele apresenta toda uma série de contradições, que por sua vez refletem as contradições da sociedade em que vivemos. Ao modelo ideológico correspondem agrupamentos organizacionais que acabam colocando o preconceito teórico antes dos interesses imediatos da libertação. Além disso, a fórmula analítica de grande parte do movimento revolucionário é de caráter autoritário, portanto, prevê a conquista do Estado e não sua destruição imediata. Eles prevêem seu uso reivindicado em um sentido antiburguês e não seu desaparecimento. Esta parte do movimento revolucionário, portanto, claramente não tem interesse em se preparar para a insurreição imediatamente, pois se iludem de que o tempo está do seu lado, destruindo a base de apoio do capitalismo e preparando a situação revolucionária sem a perigosa anticâmara da insurreição. Assim, encontraríamos esta seção do movimento revolucionário a tomar uma posição anti-insurrecional, indo tão longe (como vimos em muitos casos recentemente) a ponto de atacar e denunciar os camaradas anarquistas que apoiam a tese oposta. Concluímos neste ponto que não é possível ampliar o conceito de minoria específica. Hipoteticamente, quando os stalinistas

será o teste ácido, tanto de causa quanto de efeito, da mudança da relação de poder que leva à abertura das portas da revolução.

desencadearem seu processo insurrecional, seja porque estão convencidos de que as condições revolucionárias estão maduras ou porque são atraídos pelas solicitações da base que não está interessada em refinamentos ideológicos, então nossa tarefa será a de participar da insurreição com todas as nossas forças, lutar no campo concreto da luta e encontrar lá o espaço necessário para nossas ideias. No caso contrário, onde somos nós os iniciadores e proponentes da insurreição, podemos muito possivelmente encontrar esta parte do movimento revolucionário em uma posição oposta ou, na melhor das hipóteses, na posição de espera.

Vejamos agora se o movimento anarquista como um todo pode ser considerado uma minoria específica capaz de eventualmente realizar a insurreição. A conclusão é negativa mais uma vez. As contradições dentro do movimento são imensas e principalmente devido aos medos e restrições que um grupo restrito de pinchbecks disseminou cuidadosamente dentro dele. O movimento hoje se assemelha a um velho casaco coberto de remendos, que só com muita boa vontade lembra seus esplendores passados. A fuga para formas hipotéticas de intervenções elitistas, como a tentativa de impor análises pré-constituídas ou catecismos prontos para uso, ou quando ele alegou fornecer a todo o movimento a análise final para ser colocada em prática imediatamente, provou ser um fracasso. A mesma fuga para trás em direção ao anarcossindicalismo que não poderia deixar de deixar tanto os explorados como um todo quanto os camaradas revolucionários decepcionados. E então a política mais ampla e apurada do avestruz, de se esconder atrás do medo da provocação para não fazer nada, apenas para intervir depois do evento, sempre com a balança pronta para pesar, julgar e condenar aqueles poucos camaradas que estavam fazendo alguma coisa, mesmo que circunscrita e limitada. Desta parte do movimento resta apenas o nome, o símbolo, alguns camaradas velhos, alguns camaradas jovens velhos antes do tempo, alguns otimistas que nunca perdem a esperança, múmias de pergaminho em sua pequena loja. O grande número de camaradas ativos que formam a parte revolucionária do movimento anarquista e que estão prontos para começar a luta não deve ser desencorajado por Cassandras e pássaros de mau agouro. A ação é a medida para distinguir além de símbolos e declarações de princípio.

São precisamente os camaradas que estão disponíveis para a ação que constituem a minoria específica. Eles serão os que prepararão e realizarão a insurreição nas formas e modos que a experiência da luta revolucionária

como um todo nos transmitiu, levando em consideração as recentes modificações do Estado e dos patrões. O método não pode deixar de levar em conta as formas organizacionais mínimas da base que terão que resolver os vários problemas que surgirão durante a preparação insurrecional. Nessas formas organizacionais, a responsabilidade pelo trabalho a ser feito deve obviamente recair sobre os camaradas anarquistas revolucionários e não pode ser deixada à boa vontade ou à improvisação. Nesta fase, as próprias regras de sobrevivência impõem as condições indispensáveis de segurança e cautela. A urgência da ação põe fim à conversa fiada sem sentido.

Há mais a ser dito sobre as ações realizadas em estruturas mínimas de intervenção pela minoria específica, como acabamos de identificar. Essas ações não podem ser consideradas puramente do ponto de vista da “propaganda pela ação”. Seu objetivo, de fato, não é dar um exemplo ou influenciar uma ampla gama de simpatizantes. Certamente esse aspecto empírico também existe, tendo em mente que a aliança máxima que garantirá o sucesso dos planos futuros é a das massas em revolta, mas esse aspecto é facilmente recuperado pelos mecanismos de informação capitalista que o transformam em mercadoria, vendendo-o por meio de jornais, televisão, cinema, livros, etc. A verdade é que a própria minoria específica, por meio da realização da ação, tem a possibilidade de deixar algo claro para os outros se eles próprios entenderem algo no momento da própria ação. Ação, portanto, significa educação pela ação e educação de si mesmo e dos outros. Se pensamos que sabemos tudo e colocamos nossa confiança exclusivamente em nosso próprio conhecimento no momento da ação, estamos colocando um mecanismo repetitivo nas mãos do capitalismo, um que se insere perfeitamente dentro do mecanismo generalizado da produção capitalista que, acima de tudo, é repetição ao infinito. A ação da minoria específica deve, portanto, consistir não em uma interrupção do aprendizado às próprias custas do que é a realidade da luta, mas uma transformação gradual e completa do próprio aprendizado ao mostrar aos outros como se aprende a entender a realidade da luta. Se a ação da minoria específica dá um exemplo de qualquer coisa, dá o exemplo de como se aprende a destacar e atacar o inimigo, e não como se ensina. A ação certa no momento certo se torna a substância do ataque individual e específico e símbolo de todos os possíveis ataques futuros, e esse desenrolar de um momento que ainda não atingiu a maturidade é o nível máximo de intervenção que a minoria alcança operando na realidade da luta. A luta

de classes caracteriza o conflito em ato e é o elemento que permite a ação concreta da minoria específica. Dentro dela a ação está continuamente se transformando de tentativa de entender para tentativa de ensinar. Ao cancelar o primeiro momento, tudo se afoga em repetição, ao cancelar o segundo, tudo se afoga em indecisão.

No fluxo contínuo da luta de classes, encontra-se tudo, professores e alunos. Nela, tudo encontra seu devido lugar dentro das relações de força. Quem não aprendeu com seus próprios erros não pode demonstrar nada aos outros, e uma maneira eminente de não aprender é precisamente deixar de aprender, de pensar que chegou a hora de ensinar e isso é tudo. Através do filtro da luta de classes, a memória da revolução se desdobra lentamente, tornando-se algo que pode ser transmitido. Na ação, essa memória é transmitida concretamente e se torna perceptível aos outros no momento em que é reflexão e crítica para a pessoa que realiza a ação.

Cada estrutura mínima individual de intervenção que atua dentro da minoria específica corre o risco de se colocar em contraste com o movimento revolucionário como um todo e às vezes com toda a massa dos explorados, se o sentido da ação de alguém não for colocado corretamente. Tomando-nos como uma parte isolada diante de tantas referências, convencemo-nos de que todo o movimento e os explorados, seu tipo e o tipo da revolução, dependem de nós; esperamos quem sabe o quê do que estamos fazendo; permanecemos frustrados pela superficialidade da resposta e pela incompreensão geral. A luta revolucionária é como um mar tempestuoso contra o qual lutar seria uma loucura vã, é necessário adaptar-nos à direção das ondas, nadar às vezes fortemente e às vezes levemente, agarrar o ímpeto da vida que o mar esconde dentro de si para atingir o objetivo desejado. É nessa difícil arte de nadar que se esconde o significado político da ação minoritária. Este último enfatiza seu significado de classe, explodindo de repente como fruto da memória revolucionária e como indicação para a luta agora em ato.

Pensamos, portanto, que se forem corretamente escolhidas, a ação dessas estruturas mínimas é indispensável para a preparação de todo o processo insurrecional, que consideramos ser a tarefa imediata de todos os anarquistas e que não pode ser adiada. Longe de haver um contraste entre as duas coisas — como alguns tentaram nos apontar — consideramos que elas são complementares e indissociáveis. A tarefa básica da estrutura mínima de intervenção resume todo o trabalho de natureza organizacional e geral da minoria específica como um todo. Mais uma vez, a insurreição